

## QUALIDADE DE VIDA E SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO SUPERIOR DA CIDADE DE CRATO-CE

Emmanuel Pereira de Souza; Lucielton Mascarenhas Martins; Manoel Vieira da Silva Neto.

*Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – emmanuelifcejua@gmail.com; lucielton@leaosampaio.edu.br; manoel.mvn@hotmail.com.*

**Resumo:** Através de um estudo de levantamento, de cunho quantitativo, de características descritiva e comparativa, na formatação transversal, buscou-se, como objetivo geral do estudo, Analisar o nível de qualidade de vida e a prevalência de sintomas osteomusculares em professores de Educação Física do ensino superior da Cidade de Crato-CE. A amostra se caracterizou como um score de 15 indivíduos, escolhidos de maneira uniforme e aleatória, com média de idade de 38,87+10,09. Para mensuração da dos Sintomas Osteomusculares, foi utilizado o Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares (QNSO), e para a aferição da qualidade de vida, utilizou-se do questionário SF-36. Os dados foram analisados estatisticamente, aplicando-se estatística descritiva de medidas tendência central e medidas de dispersão. No que se refere à qualidade de vida, pode-se constatar que parte dos professores obtiveram um percentual máximo (100) em maior parte dos domínios, exceto vitalidade. Nesse contexto, também, foram obtidos valores mínimos (0,00) para os domínios aspectos físicos e aspectos emocionais. De um modo geral a capacidade funcional se destaca como o domínio que apresentou a maior média, sendo esta equivalente a 92,00. Quanto aos Sintomas Osteomusculares a amostra revela que nos últimos 12 meses o sintoma que se destacou com uma maior frequência foi o pescoço/região cervical com (33,3%), a região que apresentou a menor frequência de sintomas foi a do quadril/membros inferiores com (6,6%). A tabela referente a aparição de sintomas osteomusculares nos últimos sete dias, revela resultados bem inferiores do que os apresentados nos últimos doze meses. De modo geral, a região que apresentou a maior frequência de sintomas foi a do pescoço/região cervical, com 26,7%, seguida dos ombros, quadril/membros inferiores, com 13,3%. A região que apresentou a menor porcentagem quanto a presença frequente de sintomas foi a região dorsal, 6,7%. Os resultados alcançados tanto na qualidade de vida como nos sintomas osteomusculares se mostraram de forma satisfatória.

**Palavras-chave:** Professores, Sintomas Osteomusculares, Qualidade de Vida.

### INTRODUÇÃO

Oliveira (2007) afirma que nas últimas décadas fatores como a perda de controle sobre o trabalho, sua intensificação e fragmentação contribuíram significativamente para a deterioração das condições do trabalho docente. A profissão de professor é um serviço que merece reconhecimento, contudo, a formação e da prática docente no Brasil apresenta-se desvalorizada no próprio universo escolar, na mídia e na sociedade em geral, como nos mostram diversos trabalhos literários, ser professor é uma das profissões mais estressantes da atualidade (MELEIRO; 2002).

Assim, a qualidade de vida no trabalho atinge de forma relevante a ocupação do professor, que nas últimas décadas vem sofrendo declínio no tocante ao seu reconhecimento e uma pressão sem precedentes, que refletem no cenário do magistério atual (SEIDL; ZANNON, 2004). Algumas profissões têm sido foco de análise dentro dessa temática, qualidade de vida, por apresentarem

características peculiares, como é o caso dos professores. O trabalho docente vem sofrendo grandes alterações durante a história, marcadas por uma perda de prestígio social, remuneração injusta, condições de trabalho degradantes, enfraquecimento sindical, dentre outros. E isso são fatores predeterminantes para desqualificar o bem estar desses profissionais.

Entre esses problemas está presente, também, a questão salarial, uma das queixas do magistério atual. Gasparine, Barreto e Assunção (2005) informam que o Brasil é o terceiro país membro dessa entidade que paga os piores salários aos trabalhadores docentes. Nesse contexto, segundo Pereira (2006), a falta de condições adequadas para o trabalho do professor, nas escolas, representa um dos inúmeros problemas que a instituição e o próprio professor têm que enfrentar. Essa falta de condições vem provocando doenças nos professores, o que por sua vez compromete todo o processo de ensino e aprendizagem, já que eles são a espinha dorsal dessa ação.

Tendo em vista essas considerações, é possível induzi a influência negativa do ambiente de trabalho na construção de uma má qualidade de vida desses profissionais, sem esquecer-se de um provável surgimento de sintomas osteomusculares que tem como principal fator influenciador para o seu surgimento o ambiente de trabalho, principalmente quando se trata das questões ergonômicas inadequadas que as instituições de ensino disponibilizam para esses docentes. No Brasil os sintomas osteomusculares são uma das principais doenças relacionadas ao trabalho, também denominado de Lesões por Esforços Repetitivos (LER) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). O referido quadro patológico afeta diversas categorias profissionais e apresenta uma considerável relevância social devido a sua abrangência e magnitude.

Segundo Rocha e Fernandes (2007) a atitude desses trabalhadores, na busca de se adequar as condições de trabalho, acaba resultando em desalinhamento postural e em manifestações que podem ser desde uma escoliose a uma hérnia de disco. Além disso, o desequilíbrio do organismo levará às adaptações que, se não forem corrigidas rapidamente, acarretará distúrbios osteomusculares. Em busca de uma adaptação postural as condições de trabalho impostas, sendo esta realizada da melhor ou pior maneira para que possam exercer sua função, os trabalhadores acabam contribuindo de forma inconsciente para um resultado negativo em relação a sua saúde.

Diversos fatores relacionados às condições e a organização do trabalho docente contribuem para surgimento de agravos à saúde e comprometimento da qualidade de vida desses professores. O atual ritmo acelerado desenvolvido nas escolas pelos educadores tem sido um colaborador para o desenvolvimento de um stress diário, e o acúmulo desses problemas pode acarretar os DORT's.

Dessa maneira, buscou-se, como objetivo geral do estudo, identificar o nível de qualidade de vida e a prevalência de sintomas osteomusculares em professores de Educação Física do ensino superior da Cidade de Crato-CE.

## **TÓPICOS DE DESENVOLVIMENTO**

O trabalho é característico de uma pesquisa quantitativa, do tipo descritivo com corte transversal. A população a ser verificada é caracterizada como sendo professores de Educação Física pertencentes a uma instituição pública de ensino superior da cidade de Crato-CE, escolhida de forma aleatória. Em números, foram analisados 15 professores. Ambos os casos, critério de escolha e número amostral, foram definidos por análises observacionais e diálogos prévios.

Ainda como critério para a inclusão na população amostral adotou-se que somente os professores formados em Educação Física que estivessem exercendo sua profissão regulamente na instituição adotada para pesquisa, público de ambos os sexos e de todas as faixas etárias. Utilizou-se com critério de exclusão, estado de afastamento das atividades docentes (licença, férias, qualificação profissional, dentre outros), os indivíduos que não aderiram ao programa de pesquisa e os professores graduados em outras áreas de ensino. A coleta de informações se deu por meio de questionários estruturados e validados cientificamente, após o emprego do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE. Vale ressaltar que, estes instrumentos foram utilizados somente após autorização do coordenador do curso de Educação Física da instituição.

Para a avaliação da qualidade de vida foi utilizado o questionário Medical Outcomes Study 36 - SF-36, validado por Ciconelli (1997). A verificação dos sintomas osteomusculares se deu através do QNSO – Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares validada por Pinheiro (1999 apud PINHEIRO, 2002). No estudo, também se empregou a coleta sociodemográfica, através de formulários. Após a coleta, organizou-se um banco de dados em pacote e software específico de planilhas, aplicando-se estatística descritiva de medidas tendência central e medidas de dispersão.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Dos 15 professores abordados na referente pesquisa, 6 indivíduos foram do sexo masculino (40,00%) e 9 indivíduos do sexo feminino (60,00%). Os dados referentes à idade dos participantes desvelam uma média geral de  $38,87 \pm 10,09$ , com mínimo de 24 anos e máximo de 57 anos. Com

relação à escolaridade desses profissionais, 8 são especialistas (53,33%), 4 são mestres (26,67%) e 3 possuem doutorado (20,00%). Esses profissionais exercem entre 6 e 8hs de trabalho por dia, valendo ressaltar que 13 desses profissionais (86,67%) afirmaram não ter nenhuma outra ocupação, e 2 responderam que sim, sendo elas, comentarista esportivo e coordenação escolar.

Sobre as condições de trabalho disponibilizadas pela instituição de ensino a qual estes profissionais pertencem, se adequadas ou não, 8 responderam que *sim*, acumulando uma porcentagem de 53,33%, e 7 afirmaram que *não* (46,67%). Com relação a prática de atividades físicas, 93,33% asseguraram praticar regularmente exercícios físicos (lutas, musculação, natação, handebol, futebol, caminhada, ginástica e pilates), com uma frequência semanal mínima de 2 vezes, e duração de no mínimo 1h por seção.

Sobre fatores relacionados à condição de saúde da população amostral, temos a tabela que se segue, com base nos dados coletados através do questionário sócio demográfico.

Tabela 01: Descrição das condições de saúde da população amostral

Categoria			Frequência	Percentual
Geral	Hipertensão	Sim	1	6,67
		Não	14	93,33
	Diabete	Sim	--	--
		Não	15	100,00
	Doenças Osteomusculares e/ou Articulares	Sim	6	40,00
		Não	9	60,00
	Doenças Cardiovasculares	Sim	--	--
		Não	15	100,00
	Ingestão de Álcool	Sim	10	66,67
		Não	5	33,33
	Fumo	Sim	--	--
		Não	15	100,00

Fonte: Dados da Pesquisa.

Obteve-se um resultado positivo quando se trata das condições de saúde da população amostral. Predominantemente 100% dos avaliados não possuem doenças cardiovasculares, diabetes, nem fazem o uso de cigarro, e apenas 6,67%, sabem ser hipertensos. Em contrapartida 40,00% dos avaliados, apresentam doenças osteomusculares e/ou articulares (limitação e inflamação de LCA, condropatia, condromalasia, artrose e hérnia de disco), apesar de ser um valor inferior à média, pode representar riscos à saúde dos docentes. No que diz respeito à ingestão de bebidas alcoólicas, 33,33% da amostra fazem a ingestão, contudo afirmam não fazer o uso exagerado dessa substância.

Tabela 02: Análise dos dados gerais do protocolo SF-36

Categoria	Domínios	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Geral	Capacidade Funcional	55,00	100,00	92,00	11,46
	Aspectos Físicos	0,00	100,00	85,00	28,03
	Dor	62,00	100,00	82,00	15,02
	Estado Geral de Saúde	52,00	100,00	82,40	13,40
	Vitalidade	50,00	90,00	71,00	11,98
	Aspectos Sociais	50,00	100,00	88,33	16,00
	Aspectos Emocionais	0,00	100,00	86,67	30,34
	Saúde Mental	48,00	100,00	82,13	12,13

Fonte: Dados da Pesquisa.

A partir da análise da tabela acima, podemos constatar que parte dos professores obtiveram um percentual máximo (100) em maior parte dos domínios, exceto vitalidade. Nesse contexto, também, foram obtidos valores mínimos (0,00) para os domínios aspectos físicos e aspectos emocionais e a capacidade funcional se destaca como o domínio que apresentou a maior média, sendo esta equivalente a 92,00.

Em um estudo realizado por Rocha e Fernandes (2007), com professores do ensino fundamental do município de Jequié-BA de modo geral, observou-se que os valores inferiores a 70 pontos encontrados em todos os domínios, favoreceram para que a qualidade de vida não pudesse ser avaliada de maneira positiva para a categoria de trabalhadores estudada. O domínio que apresentou menor escore foi vitalidade (46,26), e os com maiores escores foram capacidade funcional (65,71) e limitação por aspectos emocionais (62,63).

Fazendo uma comparação entre o presente estudo, e o que acima vem sendo citado, a única semelhança encontrada, é que o domínio vitalidade foi diagnosticado como o de menor porcentagem, em contra partida vale ressaltar que em comparar o percentual dos dois domínios, a população de estudo pertencente a presente pesquisa atingiu um valor bem superior ao comparado, sendo este de 71,00, valor que supera até mesmo o percentual considerado como o de maior escore pelo estudo realizado em Jequié-BA.

Uma pesquisa que avaliou a qualidade de vida de professores do ensino fundamental, no qual foram investigados 142 professores da rede pública de ensino de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, apresentou entre os principais resultados os domínios dor (59,60) e da vitalidade (59,80) como os mais prejudicados. Três domínios entre os professores de São Paulo apresentaram valores acima da média de 70 pontos, sendo eles, capacidade funcional (79,30), aspectos físicos (76,0) e estado geral de saúde (75,60) (CARVALHO; ALEXANDRE, 2006).

Mediante a comparação dos dados entre o estudo que acima vem sendo citado e a presente pesquisa, é notória a semelhança quanto aos domínios que apresentou a maior e a menor porcentagem, mas a similaridade em números é díspar, chegando à conclusão que os resultados favorecem positivamente apenas para os docentes pertencentes a atual pesquisa, afirmando então mais uma vez a superioridade entre as comparações dos dados.

Foi identificado, em um estudo realizado com 250 professores do ensino fundamental em Vitória da Conquista-BA, que vários aspectos contribuem para a diminuição da vitalidade do professor. Entre esses, os mais fortemente percebidos foram, ritmo acelerado de trabalho (67,9%), ritmo frenético de trabalho (54,9%), posições da cabeça e braços inadequados (53,4%) e longos períodos de intensa concentração em uma mesma tarefa (51,9%) (DELCOR et al., 2004).

Considerando que os aspectos citados favorecem para o decréscimo da vitalidade dos professores, acredita-se que um possível agravo na diminuição do percentual referente ao domínio da vitalidade quanto a atual pesquisa foi amenizado, tendo em vista, o acervo de conhecimentos e características pertinentes aos profissionais da Educação Física, como um bom condicionamento físico, a prática de atividades físicas regulares, comportamentos preventivos que influenciam a correção postural, hábitos alimentares saudáveis e etc. Esses são pontos que talvez possam não fazer parte da vida dos demais profissionais avaliados nas pesquisas que vem sendo citadas.

Tabela 03: Estatística descritiva dos sintomas apresentados nos últimos 12 meses

Sintomas 12 meses	Não	Raramente	Frequente	Sempre
Pescoço / Região Cervical	26,7%	40,0%	33,3%	-
Ombros	53,3%	33,3%	13,3%	-
Braços	80,0%	20,0%	-	-
Cotovelos	73,3%	26,7%	-	-
Antebraços	80,0%	20,0%	-	-
Punhos / Mãos / Dedos	53,3%	33,3%	13,3%	-
Região Dorsal	46,7%	40,0%	13,3%	-
Região Lombar	26,7%	40,0%	33,3%	-
Quadril /Membros Inferiores	46,7%	46,7%	6,6%	-

Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela acima mostra as estatísticas dos sintomas apresentados nos últimos doze meses (tal como dor, desconforto ou dormência) nas regiões corporais: pescoço/região cervical, ombros, braços, cotovelos, antebraços, punho/mãos/dedos, região dorsal, região lombar e quadril/membros inferiores. Essa amostra revela quanto aos aspectos gerais, que, com frequência, a maior prevalência de sintomas osteomusculares se encontra no pescoço/região cervical (33,3%), se igualando com a

região lombar, seguidos da região dorsal, ombros, punhos/mão/dedos (13,3%). A região que apresentou a menor frequência de sintomas foi a do quadril/membros inferiores com (6,6%), as demais regiões não se destacaram com frequência, mas apresentaram uma porcentagem de 20% para braços e antebraços, e 26,7% para cotovelos, com relação aos sintomas que aparecem raramente na vida dos professores.

Tabela 04: Estatística descritiva dos sintomas apresentados nos últimos 7 dias

Sintomas 7 dias	Não	Raramente	Frequente	Sempre
Pescoço / Região Cervical	46,7%	26,7%	26,7%	-
Ombros	60,0%	26,7%	13,3%	-
Braços	80,0%	20,0%	-	-
Cotovelos	73,3%	26,7%	-	-
Antebraços	86,7%	13,3%	-	-
Punhos / Mãos / Dedos	73,3%	26,7%	-	-
Região Dorsal	53,3%	40,0%	6,7%	-
Região Lombar	33,3%	66,7%	-	-
Quadril /Membros Inferiores	46,7%	40,0%	13,3%	-

Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela referente a aparição de sintomas osteomusculares nos últimos sete dias, revela resultados bem inferiores do que os apresentados nos últimos doze meses. De modo geral, a região que apresentou a maior frequência de sintomas foi a do pescoço/região cervical, com 26,7%, seguida dos ombros, quadril/membros inferiores, com 13,3%. A região que apresentou a menor porcentagem quanto a presença frequente de sintomas foi a região dorsal, 6,7%.

Tabela 05: Estatística descritiva dos sintomas que impediram a realização de suas atividades nos últimos 12 meses

Sintomas 12 meses	Não	Raramente	Frequente	Sempre
Pescoço / Região Cervical	73,3%	26,7%	-	-
Ombros	86,7%	13,3%	-	-
Braços	100,0%	-	-	-
Cotovelos	86,7%	13,3%	-	-
Antebraços	100,0%	-	-	-
Punhos / Mãos / Dedos	80,0%	20,0%	-	-
Região Dorsal	73,3%	26,7%	-	-
Região Lombar	66,7%	26,7%	6,7%	-
Quadril /Membros Inferiores	73,3%	20,0%	6,7%	-

Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela 05 mostra a falta de valores significativo que apresentam a frequência de sintomas osteomusculares que impediram a realização de atividades pelos professores, revelando, de forma positiva, que esses docentes não atribuem uma relação expressiva quanto a presença de possíveis complicações em decorrência a presença de sintomas osteomusculares.

A predominância de valores se concentrou nas opções *não* e *raramente*, com uma grande tendência de porcentagens para a alternativa que corresponde a não presença desses sintomas, sendo os braços e antebraços as regiões que obtiveram a maior porcentagem, igual a 100%, se referindo aos valores pertencentes a raridade de aparições dos sintomas responsáveis pela a inibição da prática de atividades. De um modo geral, as regiões que se mostraram com uma maior porcentagem, sendo esta igual a 26,7%, foram as regiões do pescoço/região cervical, região dorsal e região lombar. Punhos/mãos/dedos, e quadril/membros inferiores obtiveram uma porcentagem de 20%, seguidos de ombros e cotovelos, com a menor porcentagem (13,3%).

Pelo fato de serem professores atuantes na área da Educação Física, muitos atribuem o fato da não relação dos sintomas osteomusculares com o ambiente de trabalho, por serem pessoas ativas, quanto a prática de atividade física, até mesmo durante a regência de suas aulas. Considera-se então que fatores como o *stress*, possa ser a principal causa do surgimento desses sintomas.

Estudos comprovam a alta prevalência de sintomas osteomusculares em trabalhadores nos quais os professores estão entre os profissionais mais acometidos, alcançando 93% de queixas. Muitos desses sintomas podem acarretar o afastamento do trabalho, por quadros algícos intensos ou pelo desenvolvimento de doenças ocupacionais. De acordo com o Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador, de Salvador (BA), 66% dos professores atendidos entre os anos de 1995 a 2001 foram diagnosticados com doença ocupacional (DELCOR et al., 2004).

Em um estudo realizado com 212 docentes da rede pública de uma cidade do interior do estado de São Paulo, foi encontrada uma prevalência de 90,4%. Também foram pesquisadas as doenças ocupacionais diagnosticadas com maior frequência nos atendimentos realizados a professores pelo Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador da cidade de Salvador/BA, tendo os distúrbios osteomusculares acometidos a maior parte dos investigados. Na pesquisa realizada com 607 professores da rede municipal de Vitória/ES, 49,2% dos indivíduos relataram ter necessitado de atendimento médico em decorrência de problemas com transtornos osteoarticulares (CARVALHO; ALEXANDRE, 2006).

Segundo Porto (2004), os elevados valores de prevalência apontados anteriormente podem ser considerados como consequência do novo paradigma do mundo do trabalho, que passou a

obrigar o trabalhador a exercer suas atividades através de inadequados e intensos movimentos dos diversos segmentos corporais, provocando desordens músculo-tendinosas.

Grande porcentagem dos avaliados afirmaram que as condições de trabalho não eram favoráveis para a realização de suas aulas (46,67%), isso pode implicar em dizer que o ambiente de trabalho tem uma estreita relação com a presença dos sintomas osteomusculares, atingindo principalmente a região cervical, mas vale ressaltar que essa relação não é tão significativa.

Uma ideia difundida quanto à causa dos sintomas, submetida à crítica de muitos ergonomistas, é a que relacionam as LER/DORT apenas as condições no ambiente de trabalho, como, por exemplo, a baixa temperatura ambiental, inadequação dos mobiliários e dos equipamentos empregados na execução das atividades laborais. É correto afirmar que essas condições são bastante favoráveis e que é uma das grandes causas do surgimento de sintomas osteomusculares, mas em contra partida não devemos afirmar que são os únicos responsáveis.

Relacionar o surgimento desses distúrbios apenas com o ambiente de trabalho também é desconsidera a realidade do trabalho, pois não se leva em conta a dinâmica das relações de trabalho, como a atividade é desenvolvida, durante quantas horas, de quanto tempo o trabalhador dispõe para descansar, e inúmeros outros fatores que também devem ser avaliados de forma a considerar sua relevância para a contribuição indesejada do surgimento de sintomas osteomusculares.

Se tratando de pesquisas realizadas com o intuito de identificar a previdência de sintomas osteomusculares em professores, um estudo realizado entre professores da rede municipal de ensino de Natal-RN, aponta a prevalência da sintomatologia osteomuscular no último ano, quando investigados, independente da região corporal afetada foi de 93%. As regiões corporais em que se registraram mais queixas foram a parte superior das costas com 58,7% (FERNANDES; ROCHA; OLIVEIRA, 2009). Do total de investigados, 47,7% responderam que a presença da sintomatologia osteomuscular nos últimos 12 meses impediu a realização de atividades da vida diária.

Quanto à última pergunta do questionário nórdico que se refere ao acometimento dos sintomas nos últimos sete dias, dentre as regiões onde foi apresentado um maior número de queixas, pode-se destacar a parte superior das costas (28,5%) e parte inferior das costas (26,9%). Similar ao estudo citado, de modo geral no último ano os docentes do presente estudo também apresentaram como a região de maior índice quanto à frequência de sintomas, o pescoço/região cervical, mas não representando riscos alarmantes.

Se referindo à presença de sintomas osteomusculares que impediram a realização de exercícios físicos nos últimos 12 meses, os professores afirmaram que de forma frequente apenas a

região lombar e o quadril (6,7%) impediram suas atividades. Não apresentando nenhuma semelhança quanto a última pergunta do questionário nórdico que se refere ao acometimento dos sintomas nos últimos sete dias, a presente pesquisa aponta apenas a região cervical como a de maior frequência, alcançando mesmo assim, uma pequena porcentagem (26,7%).

As comparações realizadas acima revelam que os professores do presente estudo se destacam pelo baixo índice de sintomas osteomusculares apresentados. Sabendo que fatores como capacidade funcional, aspectos sociais, aspectos emocionais, saúde mental, e etc., também são fundamentais na prevenção desses sintomas, como também na construção de uma ótima qualidade de vida, tendo em vista que todos esses fatores foram avaliados de forma satisfatória, atribui-se ao baixo índice de sintomas os elevados níveis de qualidade de vida desses professores, implicando em ressaltar a grande relação entre esses dois pontos.

O estudo apontou que a porcentagem quanto à prática de atividades físicas é de 93,33%, apenas um professor afirma não realiza exercícios, justificado pela falta de tempo, e somente 13,33% da amostra possuem outra ocupação. Compreende-se então, que, a prática de atividades físicas tem sido um fator determinante para a não aparição dos sintomas osteomusculares.

Com o presente estudo foram feitas comparações tanto com professores do ensino superior, como do fundamental, valendo ressaltar que os do ensino superior são pertencentes a área da saúde. Em ambas as comparações os docentes do curso de educação física analisado, mostraram-se superiores nos resultados, isso revela que, o cenário de trabalho quanto aos níveis de escolaridade de atuação, não pode ser considerado como fator determinante para a diferenciação dos resultados entre as pesquisas comparadas. De um modo geral a presente pesquisa apresentou um saldo extremamente satisfatório, resultados que são atribuídos as possíveis atitudes preventivas dos professores com relação à construção e preservação de uma boa qualidade de vida.

## **CONCLUSÕES**

Levando em consideração os níveis das condições de saúde, obteve-se um resultado muito satisfatório, onde nenhum dos avaliados apresentou qualquer tipo de doença cardiovascular, diabetes, ou dependência química. Destaca-se apenas como um ponto negativo a presença de doenças osteomusculares e/ou articulares, mas, que esses problemas não afetaram de forma significativa a saúde desses avaliados.

Para a caracterização da qualidade de vida, tonou-se notório a predominância de resultados satisfatórios, apresentando níveis elevados para cada um dos domínios avaliados estando todos eles acima da média percentual de valor, podendo então destacar a presença de uma aplausível qualidade de vida para esses docentes. O domínio que atingiu o maior número de valor foi a capacidade funcional, sendo o de menor valor a vitalidade, valendo ressaltar que mesmo sendo o domínio que atingiu a menor porcentagem destacou-se por está acima da média.

Quanto à presença de sintomas osteomusculares na vida desses profissionais nos últimos 12 meses a região que mais se destacou foi a região cervical/pescoço, se igualando com a região lombar, seguidos da região dorsal, ombros, punhos/mão/dedos, semelhantemente aos últimos 12 meses, no que se refere aos últimos sete dias, observou-se que a região corporal mais afetada com frequência foi pescoço/região cervical, seguidos de quadril/membros inferiores e ombros, em relação a região corporal que sempre apresentou problemas osteomusculares neste mesmo período, não foi proporcionado nenhum resultado referente a qualquer uma das regiões.

Os dados revelaram que a região corporal que frequentemente mais impediu os professores de realizarem suas atividades no último ano foi à região lombar, seguido de quadril/membros inferiores. De maneira geral podemos afirmar que a presença de sintomas osteomusculares na vida desses profissionais se apresentou quase que de uma forma insignificante. Sabendo que fatores como capacidade funcional, aspectos sociais, aspectos emocionais, saúde mental, e etc., também são fundamentais na prevenção desses sintomas, como também na construção de uma qualidade de vida positiva, implicando em ressaltar a grande relação entre esses dois pontos.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, A.; ALEXANDRE, N. M. C. Qualidade de vida e sintomas osteomusculares relacionados ao trabalho em professores do ensino fundamental. **Fisioterapia Brasil**, v. 7, n. 4, p. 279-285, julho/agosto. 2006.

CICONELLI, R. M. **Tradução para o português e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida “medical outcomes study 36 – item short –formhealthsurvey (SF-36)”**. Tese (Doutorado) - Escola Paulista de Medicina de São Paulo da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1997.

DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, p. 187-196, 2004.

FERNANDES; ROCHA; OLIVEIRA. Fatores Associados à Prevalência de Sintomas Osteomusculares em Professores. **Rev. salud pública**, v. 11, p. 256-267, 2009.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, v. 31, p. 189-199, 2005.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusta da Silva. **O stress do professor**. In: LIPP, Marilda. O Stress do professor. Campinas: Papyrus, 2002.

OLIVEIRA, E. R. **Prevalência de doenças osteomusculares em cirurgiões dentistas da rede pública e privada de Porto Velho – Rondônia** [Dissertação]. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PEREIRA, O. A. V. **Qualidade de vida no trabalho de docentes universitários de uma instituição pública e outra privada do leste de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário de Caratinga. Minas Gerais, 2006.

PINHEIRO, F. A. et al. Validação do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares como medida de morbidade. **Revista Saúde Pública**, 2002.

PORTO, L. A. et al.. Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo centro de estudos da saúde do trabalhador (CESAT). **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 28, p. 33-49, 2004.

ROCHA; FERNANDES. **Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). 2007.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 580-588, 2004.